



## MERCADORIA HUMANA NO COTIDIANO DA IMPRENSA: OS AVISOS E ANÚNCIOS DE JORNAIS NO GRÃO-PARÁ (1840-1845)

Ana Célia Barbosa Guedes  
Docente efetiva do Instituto Federal do Pará – IFPA Campus Breves.  
Email: [anacelia.guedes@ifpa.edu.br](mailto:anacelia.guedes@ifpa.edu.br)

### Considerações Iniciais

A partir de 1840, com o restabelecimento da imprensa periódica na Província do Grão Pará de forma mais regular, é possível ter algumas informações por meio dos avisos e anúncios de jornais acerca da venda, da compra, de aluguel e de troca de escravizadas e escravizados naquela província<sup>1</sup>, sobretudo no que diz respeito às características físicas, os ofícios que elas(es) desenvolviam, as pessoas interessadas naquela mão de obra e os locais a serem negociadas as mercadorias.

Em 20 de maio de 1840, por exemplo, o jornal *Treze de Maio* anunciava a venda de uma preta crioula robusta e saudável que sabia cozinhar lavar e fazer algum doce e quem quisesse comprar era só se dirigir a loja de Souza & Coimbra que lá encontraria com quem tratar<sup>2</sup> da negociação da cativa. Nos idos de fevereiro de 1844 o jornal *O Paraense* anunciava que um sujeito queria comprar uma preta que fosse moça, que não tivesse achaques e nem vícios, que a quisesse vender era só se dirigir a tipografia do mesmo jornal<sup>3</sup>.

Vale ressaltar que desde a primeira metade do século XVIII registra-se a presença de cativas(os) de origem africana na província do Grão-Pará, mas foi entre 1750 a 1850 que ocorreu o processo de formação e consolidação da escravidão negra na cidade de Belém do Grão-Pará, isso significa que o mundo do trabalho nessa cidade foi influenciado pela presença desses sujeitos<sup>4</sup>.

---

<sup>1</sup> BEZERRA NETO, José Maia; LAURINDO JUNIOR, Luiz Carlos. Alguns vêm de lá, outros de cá: a Amazônia no tráfico interno brasileiro de escravos (século XIX). In: **História**. São Paulo, v. 37, p. 1-30, 2018.

<sup>2</sup> *Treze de maio*, 20 de maio de 1840, p. 12.

<sup>3</sup> *O Paraense*, 3 de fevereiro de 1844, p. 4

<sup>4</sup> PALHA, Bárbara da Fonseca. **Escravidão negra em Belém: mercado, trabalho e liberdade (1810-1850)**. Dissertação de Mestrado- Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2011.



Durante todo o período de escravidão no Pará, as mulheres e os homens negros(as) executaram tarefas nas lavouras, trabalhos domésticos e atividades especializadas como, por exemplo, sangradores, artesãos, pedreiros, entre outras. Na primeira metade do século XIX, uma ama de leite era alugada por 320 reis diários e vendida por 500\$00 reis e um homem negro escravizado era vendido por 560\$00<sup>5</sup>.

Neste sentido, neste artigo vamos abordar o comércio de seres humanos escravizados e escravizadas no cotidiano da província paraense, dando ênfase em como a imprensa contribuiu para a divulgação e comercialização desses sujeitos na região. Para tanto, foram analisados os avisos e anúncios dos jornais “*O Paraense*” e “*Treze de Maio*” no período de 1840 a 1845, destacando como as(os) cativas(os) eram retratados na referida imprensa, bem como esta era um espaço para divulgação de compra, de venda, de aluguel de troca daqueles sujeitos. Além de buscarmos compreender as estratégias para comercialização da mão-de-obra escravizada de origem africana e a importância desta na província do Grão-Pará.

É importante ressaltar que a historiadora e o historiador não investiga o documento pelo documento, mas sim como ponte do passado, o que significa que as informações presentes nele não é um fato concreto, e sim o imaginário de uma determinada sociedade<sup>6</sup>. Desse modo, ao investigar os jornais se faz necessário percebermos que neles estão presentes o imaginário do grupo social que detinha o poder no momento da elaboração desses documentos<sup>7</sup>. Portanto, sua viabilidade para pesquisa depende muito da observação da historiadora e do historiador.

Dessa forma, os jornais são importantes fontes para pesquisar o cotidiano das(os) negros(as) na primeira metade do século XIX, embora sendo a visão das(os) escravocratas(os) aqueles nos revelam um leque de informações acerca das(os) cativas(os) enredados nas malhas do mundo do trabalho e as formas de resistência à escravidão. Além disso, nos permitem observar a complexidade da sociedade paraense.

---

<sup>5</sup>ACEVEDO MARIN, Rosa Elizabeth. Trabalho escravo e trabalho feminino no Pará. In: **Cadernos do Centro de Filosofia e Ciências Humanas**, n. 1, Belém: Universidade Federal do Pará, 1980.

<sup>6</sup>BELLOTTO. Heloísa Liberalli. **Arquivos permanentes: tratamento documental**. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

<sup>7</sup> BELLOTTO. Heloísa Liberalli. op. Cit.



É mister ressaltar que as atividades domésticas compuseram boa parte dos serviços realizados por escravizadas(os) que viviam nas cidades. Contudo, essas atividades não se limitavam às casas dos senhores, pois muitas delas eram realizadas fora do âmbito doméstico e os jornais da primeira metade do século XIX traziam em seus avisos e anúncios os ofícios realizados por elas(es) e os locais onde podia ser realizada sua comercialização.

### **A historiografia sobre escravidão na Amazônia**

O imaginário social acerca da Amazônia brasileira é de uma região predominantemente indígena, negando assim a presença negra na construção dessa sociedade. Contudo, várias(os) pesquisadoras(es) têm mostrado que a história da Amazônia é marcada também pela presença de mulheres e homens negros(os)<sup>8</sup> de origem africana.

Assim, desde o século XVII, há presença da mão de obra africana no Maranhão e no Grão Pará e a inexistência de um tráfico regular e volumoso conectado aos circuitos sul-atlânticos não pode servir de modelo para a compreensão dos significados e as implicações da presença de negras(os) africanas(os) nesta região<sup>9</sup>. No entanto, somente a partir de meados do século XVIII, com a criação da Companhia Geral de Comércio do Grão-Pará e Maranhão (CGCGPM), ocorreu a intensificação de africanas(os) na província do Grão-Pará e Maranhão<sup>10</sup>. Nesse sentido, em 1778, o número de escravizadas(os) de origem africana, no Grão-Pará, chegou ao total de 14.199 escravizadas(os), distribuídas(os) pelas 63 freguesias/vilas e pelos 4.176 domicílios; o

---

<sup>8</sup> Sobre a presença de mulheres e homens negros escravizadas (os) no Grão-Pará ver: SALLES, Vicente op. Cit.; BEZERRA NETO, J. M. **Escravidão Negra no Grão-Pará (Séculos XVII-XIX)**. 2. ed. Belém: Paka-Tatu, 2012. ACEVEDO MARIN, Rosa Elizabeth. Trabalho escravo e trabalho feminino no Pará. In: **Cadernos do Centro de Filosofia e Ciências Humanas**, n. 1, Belém: Universidade Federal do Pará, 1980. SALLES, Vicente. O negro no Pará, sob o regime de escravidão. 3ª Ed., Belém: IAP. 2005.

<sup>9</sup> CHAMBOULEYRON, Rafael. Escravos do Atlântico equatorial: tráfico negreiro para o Estado do Maranhão e Pará (século XVII e início do século XVIII). **Rev. Bras. Hist.**, São Paulo, v. 26, n. 52, p. 79-114, Dec. 2006.

<sup>10</sup> Ver: BEZERRA NETO, José. Maia. op. Cit.



maior número de cativas(os) estava nas freguesias da Sé e Campina, que formavam a cidade de Belém<sup>11</sup>.

Várias(os) pesquisadoras(es), sobretudo no Pará, vêm produzindo trabalhos relevantes e fundamentais sobre a presença africana na província do Grão-Pará, a exemplo o pesquisador Vicente Salles que em seu livro *O negro no Pará: sob o regime de escravidão* revela a presença das(os) negras(os) escravizadas(os) na província do Grão Pará. Além dos diferentes ofícios que aquelas(es) realizavam, bem como sua presença no mercado da capital dessa província.

Rosa Acevedo Marin ressalta no capítulo do livro intitulado *Trabalho escravo e trabalho feminino* algumas atividades executadas por mulheres no Pará durante o século XIX. O historiador José Maia Bezerra Neto em seu livro *Escravidão Negra no Grão-Pará (Séculos XVII-XIX)* evidencia a ação das(os) escravizadas(os) na Amazônia, sobretudo no Pará, enfatizando as especificidades da escravidão negra de origem africana nesse território, além de revelar que a presença africana foi fundamental para a colonização da província do Grão-Pará e Maranhão.

A historiadora Marley Antonia Silva da Silva em seu artigo *Mariana quer ser livre: tráfico de escravizados e nação em Belém (1700-1750)* mostra a luta por liberdade de mulheres negras escravizadas na Belém do século XVIII, revela não apenas a presença dessas mulheres nas ruas de Belém, mas também que a luta por liberdade muitas vezes ocorria por vias legais. Outras(os) historiadoras(es), sobretudo da Amazônia têm desenvolvido pesquisa de mestrado e de doutorado sobre a temática e evidenciado a importância da escravidão negra de origem africana para a construção da sociedade paraense<sup>12</sup>.

---

<sup>11</sup> VIEIRA JUNIOR, Antonio Otaviano. “A necessidade carece de ley”: valorização da mão de obra indígena e africana no Grão-Pará (1748-1778). In: **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 42, set/dez. 2019. p. 704-728.

<sup>12</sup>Ver: PASTANA, Andréa da Silva. **Em nome de Deus, amém!: mulheres, escravos, famílias e heranças através dos testamentos em Belém do Grão Pará na primeira metade do século XIX**. 2008. (Dissertação, Mestrado em história Social) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Belém, 2008; LAURINDO JUNIOR, Luiz Carlos. **A cidade de Camilo: escravidão urbana em Belém do Grão-Pará (1871-1888)**. 2012. (Dissertação, Mestrado em história Social) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Belém, 2012; SILVA, Marley Antonia Silva da. **A extinção da Companhia de Comércio e o tráfico de africanos para o Estado do Grão-Pará e Rio Negro (1777-1815)**. 2012. (Dissertação, Mestrado em história Social) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Belém, 2012; SANTOS, Diego



Desse modo, é evidente o avanço nas pesquisas e debates no que se refere à história de mulheres e homens escravizadas(os), já que estiveram presentes no cotidiano da sociedade paraense, enfrentando inúmeros conflitos e violência ao mesmo tempo em que buscaram estratégia para lutar para se manterem vivas(os), pela sua liberdade e de sua família.

É importante evidenciar a dinâmica da escravidão na cidade de Belém do Grão-Pará no período de 1860 a 1888, pois há uma expressividade no número de escravizadas(os) nos anos finais da escravidão, e essa cidade se apresentou como polo comercial de mão de obra dessa província, tanto como fornecedora de escravizadas(os) quanto como importadora de cativas(os) das regiões interioranas<sup>13</sup>. Assim, é significativa a presença desses sujeitos na província do Grão Pará na primeira metade do século XIX<sup>14</sup>, os quais executaram diferentes atividades a exemplo de artista e jornalista, além de estabelecerem experiências próprias e buscarem liberdade.

Nesse sentido, a partir do século XVIII, a escravidão negra se tornou fundamental para o crescimento econômico daquela província, pois as(os) negras(os) escravizadas(os) passaram a desenvolver diversas atividades na cidade e no campo. Muitas delas(es), ao chegarem ao porto de Belém, eram direcionadas(os) para as atividades agrícolas nas áreas rurais, porém nem todas(os) seguiam essa lógica, permanecendo na cidade de Belém<sup>15</sup>, assim tanto na cidade quanto no campo as mulheres e homens negras(os) executaram tarefas nas lavouras, realizavam trabalhos domésticos e atividades especializadas como, por exemplo, sangradores, artesãos e pedreiros<sup>16</sup>.

---

Pereira. **Entre Costas Brasileiras: o tráfico interno de escravos em direção a Amazônia, C.1778 – C.1830**. 2013. Dissertação, Mestrado em história Social) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Belém, 2013; RODRIGUES FARIAS, David. **O Comércio de Escravizados no Vale do Tocantins/PA, 1842-1887**. 2021. (Dissertação- mestrado em História Social) Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós- Graduação em História, Belém, 2021; LOBO, Marcelo Ferreira. **Liberdade Tutelada: ingênuos e órfãos no Pará (1871 -1893)**. Dissertação de Mestrado- Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2015; JACINTO, Cristiane Pinheiro Santos. **Comerciar gente: o tráfico de escravizados no Maranhão (1801-1850)**. Tese. Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH). Universidade Federal do Pará (UFPA). Belém, 2021.

<sup>13</sup> BEZERRA NETO, José. Maia. Mercado, conflitos e controle social: aspectos da escravidão urbana em Belém (1860-1888). In: **História e Perspectiva**. Uberlândia. V. 41, 2009. Pp. 267- 298.

<sup>14</sup> BEZERRA NETO, José. Maia; LAURINHO JUNIOR, Luiz Carlos. Uma cidade sob múltiplos olhares: autoridades públicas, senhores e escravos em Belém do Grão-Pará (1871-1888). In: **Caminhos da História**. Monte Claros, V.16, n. 2. 2011. Pp. 119-135.

<sup>15</sup> Ver: SILVA, Marley Antonia Silva da; BARBOSA, Benedito Carlos Costa. op. Cit.

<sup>16</sup> Ver: SILVA, Marley Antonia Silva da; BARBOSA, Benedito Carlos Costa. op. Cit.



Desse modo, na província do Grão Pará havia uma economia escravista, marcada pelas relações mercantis, em que a vida das(os) cativas(os) e sua interação social estavam mais próximas de seus senhores e de outros segmentos sociais<sup>17</sup>. Muitas delas(es) conheciam os debates políticos que estavam ocorrendo no século XIX, sobretudo em torno das questões relativas à proibição do tráfico negreiro e aos rumos da escravidão no Brasil, e aquela(es) faziam suas próprias avaliações da conjuntura do país e apreenderam a reinterpretar a realidade política à sua volta<sup>18</sup>.

Desse modo, aquelas(es) mulheres e homens compreendiam o contexto político e social em que viviam, e, tomando posições, construíram uma rede de sociabilidade ao longo dos anos. Estas estratégias políticas foram de suma importância para que elas(es) pudessem buscar a liberdade seja através de vias judiciais, ou de acordo com suas(seus) senhoras senhores e/ou de fuga para locais distantes ou até mesmo próximos do cativeiro, pois muitos avisos de jornais denunciavam a fuga de escravizadas(os) e revelavam que estas(es) foram vistas próximas de Belém, capital da província ou da residência de suas(seus) senhoras(es).

As fontes nos revelam que mulheres e homens de cor (termo usado para se referir às pessoas negras de origem africanas) escravizadas(os) eram mercadoria, assim os jornais podiam anunciar sua venda, compra, troca e aluguel. No entanto, aquelas(es) sempre lutaram por liberdade, pois se empenharam em organizar estratégias e meios para conseguir-la, especialmente numa sociedade onde o trabalho escravo era legitimado<sup>19</sup>.

### **Mercadoria Humana nos avisos e anúncios de jornais no Grão-Pará**

Os anúncios e avisos dos jornais, sejam eles de compra, de venda, de aluguel ou de troca são fontes documentais importantes para análise da comercialização de escravizadas(os) na província do Grão Pará na primeira metade do século XIX. Permite-nos refletir e compreender a mercantilização de seres humanos e como a imprensa paraense contribuiu para o comércio destes sujeitos, uma vez que quase todos os dias no

---

<sup>17</sup> BARROSO, Daniel Souza. O cativeiro a sombra: estrutura da posse de cativos e família escrava no Grão-Pará (1810-1888). Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

<sup>18</sup> BEZERRA NETO, José. Maia. Ousados e insubordinados: protestos e fugas de escravos na província do Grão-Pará/1840-1860. In: **Topoi**. Rio de Janeiro. 2001, pp. 73-112.

<sup>19</sup> SILVA, Marley Antonia Silva da. op. Cit.



período aqui pesquisado, sobretudo o jornal “*Treze de Maio*”<sup>20</sup> trazia avisos e/ou anúncios de compra e de venda, entre outros.

Assim, nos idos de 20 de maio de 1840 o jornal “*Treze de Maio*” publicou o seguinte aviso: “Vende-se um preto de nome Thomas, bom Cozinheiro, e bom Alfaiate: quem o pretender comprar fale com F.J.P. Serzedello na Travessa das Mercês Nº 108 para tratar do ajuste”<sup>21</sup>. Em 1841, aquele jornal trazia um anúncio de Francisco Antonio Gregório o qual tinha para vender uma preta que segundo o anúncio era acostumada ao trabalho de Lavoura<sup>22</sup>. Igualmente, em 1843, naquele jornal estava o aviso de venda de dois pretos que conforme o aviso eram bons para todo serviço, sendo um Falqueiro, e outro Cabouqueiro, quem os pretendesse comprar era só se dirigir a Santos & Menor que estes lhes diriam quem estava vendendo<sup>23</sup>. Em 1843, o “*Jornal Treze*” de Maio anunciava que Luiz Francisco Colares tinha para vender um preto sadio, de boa figura e próprio para trabalhar num engenho onde se fabricava aguardente e açúcar, para cuja labutação o escravizado tinha préstimo<sup>24</sup>. Também em 1844, nas páginas daquele jornal havia um aviso de venda de um moleque de 19 anos de idade, o qual já havia cursado dois anos de ensino de carpintaria, não tinha acahaques nem vícios, além de ser de boa figura<sup>25</sup>. No ano de 1845, o Jornal “*Treze de Maio*” trouxe o aviso da venda de uma mulata chamada Izidoria, de idade de 24 anos, esta era boa engomadeira e costureira, e ótima quitandeira, não tinha vícios conhecidos, assim, quem pretendesse a comprar deveria falar com Francisco Pereira de Brito, no Porto do Sul<sup>26</sup>.

Nos anúncios e avisos dos jornais acima observamos que eram expostas as habilidades para o trabalho e qualidades das(os) cativas(os), alguns enfatizam mais de uma habilidade e/ou ofício daquelas(es) o que nos leva a sugerir que era uma estratégia do vendedor para melhor comercializar aqueles sujeitos. É mister destacar que muitos

---

<sup>20</sup> O jornal *Treze de Maio* foi fundado em 1840, seu nome é em homenagem ao dia em que as tropas legalistas tomaram Belém do Pará das mãos dos cabanos, no ano de 1836. Ver: PALHA, Bárbara da Fonseca. História de trabalhadoras Escravas na Belém do século XIX. In: *Anais* do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, São Paulo, julho 2011.

<sup>21</sup> *Treze de Maio*, julho de 1840, Página não identificada.

<sup>22</sup> *Treze de Maio*, 7 de abril de 1841, p. 552.

<sup>23</sup> *Treze de Maio*, 26 de agosto de 1843, p. 1484.

<sup>24</sup> *Treze de Maio*, 14 de fevereiro de 1844, p. 1673.

<sup>25</sup> *Treze de Maio*, 12 de junho de 1844, p. 1810.

<sup>26</sup> *Treze de Maio*, 19 de abril de 1845, p. 3.



proprietários de escravizadas(os) colocavam estas(es) para aprender algum ofício visando maior lucratividade destes sujeitos no mundo do trabalho, bem como a possibilidade de maior lucro quando estes fossem envolvidos em alguma transação comercial<sup>27</sup>. Quando falamos que era uma estratégia não estamos negando que as(os) escravizadas(os) não desenvolviam vários ofícios, mas sim que pode ter sido usado como uma forma de chamar a atenção do comprador da mão de obra escrava.

Desse modo, Thomas era tanto bom Cozinheiro quanto bom Alfaiate, o preto que Luiz Francisco Colares tinha para vender não era apenas sadio como também tinha habilidades para trabalhar num engenho onde se fabricava aguardente e açúcar o que demonstra que poderia atuar em duas atividades, revelando assim as vantagens em se adquirir aquele sujeito. Já a mulata Izidoria tinha três ótimas habilidades, era boa engomadeira e costureira e ótima quitandeira, e ainda não tinha vícios conhecidos, mostrando que quem a comprasse poderia colocar ela em diferentes atividades e como ela tinha a função de quitandeira poderia render um ganho a mais para seu novo proprietário.

Laurindo Junior em sua pesquisa acerca de escravizadas(os), afirma algo que também é válido para Grão-Pará da primeira metade do século XIX, que a força de trabalho qualificada e diversificada, empregada nos mais diversos misteres e lugares era uma das facetas mercadológicas e utilitárias dos escravizadas(os) que viviam em cidade na segunda metade do século XIX<sup>28</sup>. Aquelas(es) enquanto escravizadas(os) eram mercadoria, um “bem semovente” pertencente às(aos) suas(seus) senhoras(res). Assim, as(os) cativas(os) aparecem nos avisos e anúncios dos jornais aqui pesquisados como mercadorias imbuídas de valor comercial, como força de trabalho passível de ser utilizada em diferentes atividades.

Os anúncios e avisos dos jornais “*Treze de Maio*” e “*O Paraense*” traziam também os anseios de algumas pessoas em possuir escravizadas(os), assim, nesses jornais

---

<sup>27</sup> PALHA, Barbara da Fonseca. Joana Batista e sua busca por liberdade na escravidão de origem africana em Belém. In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará (IHGB)**. Belém, julho-dez, 2021. Pp. 77-99.

<sup>28</sup> LAURINDO JUNIOR, Luiz Carlos. **A cidade de Camilo: escravidão urbana em Belém DO Grão Pará (1871-1888)**. 2012. (Dissertação, Mestrado em história Social) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Belém, 2012.



é possível encontrar anúncios e avisos como os seguintes: “Antonio Joaquin de Abreu Guimarães, Rua do Espirito Santo Canto da Sé, quer comprar uma preta ainda moleca e se tiver cria mais apreciará”<sup>29</sup>. “Compra-se um moleque, e quem o tiver, dirija-se a Francisco de Paula Barreto, morador na Rua de São Vicente”<sup>30</sup>. “José Pinheiro Bezerra precisa comprar hum escravo que seja ainda rapaz, quem tiver e quizer vender dirija-se ao anunciante morador na Rua do Norte, para tratar do ajuste”<sup>31</sup>. “Precisa-se comprar hum mulato de boa figura de 10 a 12 anos, que seja sadio e sem vícios, quem o tiver e quizer vender dirija-se a esta Typographia que lhe dirá quem o pretender comprar”<sup>32</sup>. “Precisa-se comprar 3 escravas que sejam sadias, sem vícios, e idade até 24 anos, que as tiver, e queira vender dirija-se a esta Typographia que lhe dirá as quer comprar, ou anuncie por esta mesma Folha B.”<sup>33</sup>. “Compra-se uma preta que seja moça, sem achaques nem vícios, quem a quizer vender dirija-se a esta Typographia”<sup>34</sup>.

Os anúncios e avisos dos jornais de compra de cativas(os) mostram tanto os anseios daquelas(os) que tinham interesses em adquirir a mão de obra escrava de origem africana quanto que tipo de escravizadas(os) eram procuradas(os) para serem negociadas(os). Muitos avisos trazia o nome e o endereço das(os) interessadas(os) naquela mão de obra, de tal modo que Antonio Joaquin de Abreu Guimarães, cujo endereço no aviso era Rua do Espirito Santo Canto da Sé, tinha interesse por uma escravizada que fosse ainda moleca e se tivesse filha(o) mais se apreciaria. Já Francisco de Paula Barreto residente na Rua de São Vicente queria comprar um moleque e José Pinheiro Bezerra precisa comprar um escravo que fosse ainda rapaz. Outros avisos e anúncios descreviam apenas as características das(os) escravizadas(os) sem informar o nome da(a) interessada(o) em adquirir, mas trazia o endereço onde poderia ser realizada a negociação.

Em fevereiro de 1844, conforme aviso publicado no jornal “*Treze de Maio*” ficamos sabendo que Fernandes & Lopes tinha para alugar uma preta que era boa cozinheira, além de ser própria para o serviço de casa, quem a pretendesse alugar deveria

---

<sup>29</sup> Treze de Maio, 28 de abril de 1841, p. 572

<sup>30</sup> Treze de Maio, 13 de setembro de 1843, p. 1504.

<sup>31</sup> Treze de Maio, 12 de junho de 1844, p. 1810.

<sup>32</sup> Treze de Maio, 18 de dezembro de 1844, p. 4.

<sup>33</sup> Treze de Maio, 2 de outubro de 1844, p. 4.

<sup>34</sup> O Paraense, 17 de fevereiro de 1844, p. 4.



se dirigir aos mesmos na Rua dos Mercadores Canto do Largo de Palacio<sup>35</sup>. Ainda em fevereiro de 1844, aquele jornal divulgava que “Quem tiver para alugar alguma escrava que tenha bons costumes, dirija-se a Rua d`Alfama Caza número 40”<sup>36</sup>. Em junho do mesmo ano, o jornal acima mencionado publicou o aviso que “Antonio Domingues Pessegueira, precisa alugar escravos para Serviço d`olaria e Pedreira, quem os tiver e os quiser alugar, queira contractar com o anunciante morador na Rua da Cadéa Caza N° 21 [...]”<sup>37</sup>.

Os avisos acima revelam que nas páginas dos jornais, em especial na seção anúncios e avisos era possível encontrar proprietários de escravizadas(os) que possuíam cativas(os) disponíveis para o aluguel como é o caso de Fernandes & Lopes que tinha uma preta para lugar, no qual o aviso enfatiza as habilidades dela como de ser boa cozinheira e própria para o serviço de casa, bem como o local que as pessoas interessadas podiam adquiri-la. Além disso, enfatizava que a cativa que estavam disponíveis para aluguel tinha bons costumes. Do mesmo modo, nos avisos encontramos pessoas que tinham interesses em adquirir cativas(os), contudo, essa aquisição era temporária, já que queriam apenas alugar escravizadas(os) como é o caso de Antonio Domingues Pessegueira, que precisava alugar escravizadas(os) para Serviço de olaria e pedreira, ou seja, são dois públicos que usavam os serviços dos jornais para negociar seres humanos com diferentes fins.

Alguns anúncios e avisos do jornal “*Treze de Maio*” revelam o anseio das(os) proprietárias(os) pela mão de obra cativas, algumas(alguns) já as possuíam, mas não estavam satisfeitas(os) com aqueles sujeitos. Desse modo, desejavam trocar por outra(o) que estavam precisando naquela ocasião como, por exemplo, o aviso de 17 de abril de 1841 no qual Francisco Antonio Gregorio anunciaram que tinha um preto de 27 anos, o oficial de sapateiro e queria trocar este por outro da mesma idade e que soubesse fazer açúcar e mel, quem tivesse um escravizado com essas características e apresentasse interesse era só anunciar ou falar com o anunciante do jornal “*Treze de Maio*” para tratar da troca<sup>38</sup>. Em dezembro de 1845, esse mesmo jornal anunciava a troca de um escravo de

---

<sup>35</sup>Treze de Maio, 10 de fevereiro de 1844, p. 1669.

<sup>36</sup>Treze de Maio, 17 de fevereiro de 1844, p. 1677.

<sup>37</sup>Treze de Maio, 8 de junho de 1844, p. não identificada.

<sup>38</sup>Treze de Maio, 17 de abril de 1841, p. 559.



26 anos de idade sadio, sem defeitos ou vícios conhecidos, por um moleque de 12 a 14 anos de idade que tivesse um escravizado com tais características e quisesse efetuar a troca era só se dirigir a Rua do Espirito Santo Nº 6”<sup>39</sup>.

Dessa maneira, os avisos e anúncios de jornais se tornarem espaços privilegiados de comercialização da mão de obra cativa. Em alguns aparecem como mercadoria a ser vendida, comprada ou alugada, as(os) escravas(os), durante a o período de 1840 a 1845, eram anunciados diariamente nas páginas dos jornais *Treze de Maio* e *O Paraense*.

### **Considerações Finais**

Durante muito tempo a historiografia tradicional negou a presença de escravizadas(os) de origem africana na Amazônia. No entanto, desde as últimas décadas do século XX e as primeiras do XXI várias(os) historiadoras e historiadores têm se debruçado sobre essa temática e revelado o quanto foi significativa a presença daqueles sujeitos na região. Desse modo, as pesquisas acerca do trabalho na Amazônia no período colonial e imperial tem mostrado que a tanto a mão de obra escrava de origem africana quanto a mão de obra indígena conviviam lado a lado, isso significa que nessa região não houve uma substituição da(o) trabalhadora e trabalhador indígena pela(o) africana(o), já que durante esses períodos ambos foram usados em diferentes atividades.

A partir da análise dos avisos e dos anúncios dos jornais “*Treze de Maio*” e “*O Paraense*”, os quais circulavam em Belém no período aqui investigado, foi possível observar a demanda por mão de obra cativa nesta cidade. Além de revelar a mercantilização de seres humanos e como a imprensa paraense contribuiu para o comércio destes sujeitos, visto que os jornais acima mencionados quase todos os dias traziam avisos e/ou anúncios de compra, de venda, aluguel e troca desses sujeitos.

Nos avisos e anúncios eram enfatizadas as características das(os) escravizadas(os) o que nos leva a sugerir que era forma de atrair as pessoas que tinham interesse em comprar tal mão de obra. Assim como também era mostrado com quem negociar e os locais onde poderia ser realizada a transação. Aquelas(es) trabalhadoras(es) escravizadas(os) exerceram papéis importantes na cidade de Belém do Grão-Pará,

---

<sup>39</sup>Treze de Maio, 20 de dezembro de 1845, p. 4.



responsáveis muitas delas(es) pelo sustento de suas(seus) senhoras(senhores) e delas(es) mesmas(os).

## Referências

ACEVEDO MARIN, Rosa Elizabeth. Trabalho escravo e trabalho feminino no Pará. In: **Cadernos do Centro de Filosofia e Ciências Humanas**, n. 1, Belém: Universidade Federal do Pará, 1980.

BARROSO, Daniel Souza. O cativo e a sombra: estrutura da posse de cativos e família escrava no Grão-Pará (1810-1888). Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivos permanentes: tratamento documental**. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

BEZERRA NETO, José. Maia. Ousados e insubordinados: protestos e fugas de escravos na província do Grão-Pará/1840-1860. In: **Topoi**. Rio de Janeiro. 2001, Pp. 73-112.

\_\_\_\_\_. Mercado, conflitos e controle social: aspectos da escravidão urbana em Belém (1860-1888). In: **História e Perspectiva**. Uberlândia. V. 41, 2009. Pp. 267- 298.

\_\_\_\_\_.; LAURINHO JUNIOR, Luiz Carlos. Uma cidade sob múltiplos olhares: autoridades públicas, senhores e escravos em Belém do Grão-Pará (1871-1888). In: **Caminhos da História**. Monte Claros, V.16, n. 2. 2011. Pp. 119-135.

\_\_\_\_\_. **Escravidão Negra no Grão-Pará (Séculos XVII-XIX)**. 2. ed. Belém: Paka-Tatu, 2012.

\_\_\_\_\_.; LAURINDO JUNIOR, Luiz Carlos. Alguns vêm de lá, outros de cá: a Amazônia no tráfico interno brasileiro de escravos (século XIX). In: **História**. São Paulo, v. 37, p. 1-30, 2018.

\_\_\_\_\_. Uma cidade sob múltiplos olhares: autoridades públicas, senhores e escravos em Belém do Grão-Pará (1871-1888). In: **Caminhos da História**. Monte Claros, V.16, n. 2. 2011. Pp. 119-135.

CHAMBOULEYRON, Rafael. Escravos do Atlântico equatorial: tráfico negreiro para o Estado do Maranhão e Pará (século XVII e início do século XVIII). **Rev. Bras. Hist.**, São Paulo, v. 26, n. 52, p. 79-114, Dec. 2006.

LAURINDO JUNIOR, Luiz Carlos. **A cidade de Camilo: escravidão urbana em Belém do Grão-Pará (1871-1888)**. 2012. (Dissertação, Mestrado em história Social) -



Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Belém, 2012.

LOBO, Marcelo Ferreira. **Liberdade Tutelada: ingênuos e órfãos no Pará (1871 - 1893)**. Dissertação de Mestrado- Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2015; JACINTO, Cristiane Pinheiro Santos. **Comerciando gente: o tráfico de escravizados no Maranhão (1801-1850)**. Tese. Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH). Universidade Federal do Pará (UFPA). Belém, 2021.

PALHA, Bárbara da Fonseca. **Escravidão negra em Belém: mercado, trabalho e liberdade (1810-1850)**. Dissertação de Mestrado- Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2011.

\_\_\_\_\_. História de Trabalhadoras Escravas na Belém do século XIX. In: **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**, São Paulo, julho 2011.

\_\_\_\_\_. Joana Batista e sua busca por liberdade na escravidão de origem africana em Belém. In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará (IHGB)**. Belém, julho-dez, 2021. Pp. 77-99.

PASTANA, Andréa da Silva. **Em nome de Deus, amém!: mulheres, escravos, famílias e heranças através dos testamentos em Belém do Grão Pará na primeira metade do século XIX**. 2008. (Dissertação, Mestrado em história Social) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Belém, 2008.

RODRIGUES FARIAS, David. **O Comércio de Escravizados no Vale do Tocantins/PA, 1842-1887**. 2021. (Dissertação- mestrado em História Social) Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós- Graduação em História, Belém, 2021.

SALLES, Vicente. **O negro no Pará, sob o regime de escravidão**. 3ª Ed., Belém: IAP. 2005.

SILVA, Marley Antonia Silva da. **A extinção da Companhia de Comércio e o tráfico de africanos para o Estado do Grão- Pará e Rio Negro (1777-1815)**. 2012. (Dissertação, Mestrado em história Social) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Belém, 2012.

\_\_\_\_\_. Mariana quer ser livre: tráfico de escravizados e nação em Belém (1700-1750). In: **Revista da ABPN**. v. 12, n. Ed. Especial. 2021. Pp. 10-20.



SANTOS, Diego Pereira. **Entre Costas Brasília: o tráfico interno de escravos em direitura a amazônia, C.1778 – C.1830**. 2013. Dissertação, Mestrado em história (Social) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Belém, 2013.

VIEIRA JUNIOR, Antonio Otaviano. “A necessidade carece de ley”: valorização da mão de obra indígena e africana no Grão-Pará (1748-1778). In: **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 42, set/dez. 2019. p. 704-728.